

Análise das competências infocomunicacionais a partir da metaliteracy: um estudo com arquivistas¹

Jussara Borges de Lima

Pós-Doutorado pela Universidad Carlos III de Madrid (UC3M), Espanha. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), BA - Brasil. Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA) - Salvador, BA – Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/0229801641242896>

E-mail: jussarab@ufba.br

Gleise da Silva Brandão

Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), BA - Brasil. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), BA - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/9930119211962399>

E-mail: gleise.br@gmail.com

Submetido em: 16/03/2017. Aprovado em: 26/07/2017. Publicado em: 10/11/2017.

RESUMO

Embora os recursos disponíveis na Internet tenham potencializado as possibilidades de acesso à informação e interação, colocam-se demandas mais exigentes ao indivíduo, como avaliar a veracidade e integridade da informação gerada por outros usuários e adequar sua comunicação para interagir em contextos plurais. Assim, ao mesmo tempo em que as competências inerentes à competência em informação se mantêm fundamentais, novas competências ligadas a um contexto mais participativo na produção e compartilhamento do conhecimento têm emergido, identificadas como competências em comunicação. Recentemente emergiu uma abordagem – a metaliteracy - que pode contribuir no aprofundamento da compreensão das competências infocomunicacionais, pois insere aspectos como a metacognição. O principal objetivo deste artigo é examinar a contribuição que a abordagem da metaliteracy pode dar ao desenvolvimento do conceito das competências infocomunicacionais. O método envolve a análise da confluência teórica entre os conceitos citados, além de evidências empíricas coletadas a partir do comportamento infocomunicacional de arquivistas. Cinquenta e três arquivistas brasileiros responderam sobre seu comportamento diante da informação e da comunicação, a partir de questionário eletrônico em outubro de 2016. Os principais resultados, tanto da análise teórica como empírica, demonstram que a metaliteracy aborda aspectos relevantes para o desenvolvimento das competências infocomunicacionais.

Palavras-chave: Competência em informação. Competência em comunicação. Competências infocomunicacionais. Metaliteracy. Arquivista – comportamento infocomunicacional.

¹ Este trabalho foi realizado com o apoio financeiro do Edital Propeq-UFBA, 2016

Analysis of infocommunication competences from metaliteracy: a study with archivists²

ABSTRACT

Although the resources available on the Internet have enhanced the possibilities of access to information and interaction, more rigorous demands are placed on the individual, such as evaluating the veracity and integrity of the information generated by other users and adjusting their communication to interact in plural contexts. Thus, while the competencies inherent to information competence remain fundamental, new competences linked to a more participatory context in the production and sharing of knowledge have emerged, identified as communication competencies. Recently, an approach - metaliteracy - has emerged that may contribute to deepening the understanding of infocommunicational competencies, as it includes aspects such as metacognition. The main objective of this article is to examine the contribution that the metaliteracy approach can provide to the development of the concept of infocommunication competencies. The method involves the analysis of the theoretical confluence between the mentioned concepts, as well as empirical evidence collected from the infocommunicational behavior of archivists. Fifty-three Brazilian archivists responded to their information and communication behavior from an electronic questionnaire in October 2016. The main results, both theoretical and empirical, show that metaliteracy addresses aspects relevant to the development of infocommunicational competencies.

Keywords: Competence in information. Communication competencies. Infocommunicational competencies. Metaliteracy. Archivist - infocommunicational behavior.

Análisis de las competencias infocomunicacionales a partir de metaliteracy: un estudio con archivistas³

RESUMEN

Aunque los recursos disponibles en Internet han potenciado las posibilidades de acceso a la información e interacción, se plantean demandas más exigentes al individuo, como evaluar la veracidad e integridad de la información generada por otros usuarios y adecuar su comunicación para interactuar en contextos plurales. Así, al mismo tiempo que las competencias inherentes a la competencia en información se mantienen fundamentales, nuevas competencias ligadas a un contexto más participativo en la producción y el compartir del conocimiento han surgido, identificadas como competencias en comunicación. Recientemente emergió un abordaje - metaliteracy - que puede contribuir en la profundización de la comprensión de las competencias infocomunicacionales, pues inserta aspectos como la metacognición. El principal objetivo de este artículo es examinar la contribución que el abordaje de la metaliteración puede dar al desarrollo del concepto de las competencias infocomunicacionales. El método implica el análisis de la confluencia teórica entre los conceptos citados, además de evidencias empíricas recogidas a partir del comportamiento infocomunicacional de archivistas. Cincuenta y tres archivistas brasileños respondieron sobre su comportamiento ante la información y la comunicación, a partir de cuestionario electrónico en octubre de 2016. Los principales resultados, tanto del análisis teórico como empírico, demuestran que la metaliteración aborda aspectos relevantes para el desarrollo de las competencias infocomunicacionales.

Palabras clave: Competencia en información. Competencia en comunicación. Competencias infocomunicacionales. Metaliteracy. Archivista - comportamiento infocomunicacional.

²This work was carried out with the financial support of Propeq-UFBA Public Call, 2016

³Este trabajo fue realizado con el apoyo financiero del Aviso Público Propeq-UFBA, 2016

INTRODUÇÃO

A noção de competências infocomunicacionais foi sugerida em resposta às demandas de um ambiente informacional no qual, além de competências em informação, os indivíduos estão sendo solicitados a empregar competências para interagir via recursos digitais, negociar sentidos e estabelecer relações sociais para aprender e trabalhar em cooperação. Portanto, além de saber buscar, avaliar e aplicar a informação, emerge também a necessidade de aproveitar os recursos da web social para estabelecer e manter uma comunicação condizente com a sociabilidade propiciada por este ambiente (BORGES; OLIVEIRA, 2011).

Com um ambiente informacional em constante mudança, o conceito inerente às competências infocomunicacionais precisa ser continuamente revisto, porque o comportamento das pessoas também se altera para fazer frente a esse ambiente. Exemplos dessas mudanças são o crescente uso de informações em fluxo, geradas em redes sociais, em oposição à informação registrada em bases mais permanentes; a avaliação de conteúdos baseada em novos critérios, como a confiança em quem a compartilhou; ou a demanda para trabalhar em colaboração, aproveitando a contribuição de pessoas com diferentes destrezas e conhecimentos, mas que podem estar geográfica e culturalmente dispersas.

Neste trabalho a proposta é explorar a *metaliteracy*, cuja abordagem destaca a perspectiva metacognitiva sobre as competências, ou seja, a capacidade de o indivíduo desenvolver habilidades e adquirir conhecimento a partir da própria reflexão sobre suas competências (MACKEY; JACOBSON, 2011). O foco desloca-se, nesta abordagem, de uma lista crescente de competências a desenvolver-se para a capacidade crítica de autoavaliar as competências que se tem, as que se necessita e com quem conectar-se para convergir competências de acordo com cada necessidade.

Para atender ao objetivo, este trabalho concentra-se em dois aspectos-chave das competências infocomunicacionais – a avaliação da informação e da comunicação; e o trabalho colaborativo - e examina o que a *metaliteracy* pode agregar a esses elementos. Em seguida, essa discussão será confrontada com dados empíricos sobre o comportamento infocomunicacional de 53 arquivistas brasileiros.

Os arquivistas fazem parte de um segmento profissional interessante para análise, porque vêm sendo impactados diretamente pelas mudanças do ambiente informacional. Até finais do século XX seu objeto era o documento arquivístico, claramente delimitado como aquele gerado em função das atividades administrativas de uma pessoa ou órgão. Com a emergência dos recursos eletrônicos de gestão e acesso à informação, no entanto, a atuação desse profissional vem sendo ampliada para atender às necessidades informacionais dos usuários, que nem sempre são satisfeitas somente com o documento arquivístico. Não é objetivo deste trabalho, discutir o foco de atuação do arquivista, mas apontar que essa situação de transição o torna um sujeito pertinente para observação de comportamentos infocomunicacionais em mudança.

O artigo está organizado em cinco seções: após a introdução, engendra-se uma discussão conceitual entre as competências infocomunicacionais e a *metaliteracy*; em seguida há uma pequena seção sobre os procedimentos metodológicos, seguida dos resultados empíricos e da conclusão.

AS COMPETÊNCIAS INFOCOMUNICACIONAIS E A METALITERACY

As competências em informação e em comunicação inter-relacionam-se. Por exemplo, a capacidade de comunicar com desenvoltura ajuda na contextualização e compreensão das informações em contextos específicos. De acordo com Head (2015), os dados mais recentes do Projeto Infolit indicam que as pessoas têm preferido informação

contextualizada por outras pessoas (dados de 2015) do que a informação encontrada via motores de busca, como apontavam os dados de 2012. Esses dados são corroborados por González Fernández-Villavicencio (2012, p. 32): “A informação se torna rapidamente obsoleta e para encontrar uma informação atualizada há que mover-se muito bem pelas redes de colegas, de profissionais”⁴. Portanto, ao conjunto e convergência das competências em informação e em comunicação denomina-se competências infocomunicacionais (InfoCom).

Considera-se que as competências infocomunicacionais são compostas por sete elementos fundamentais: gestão de conteúdos, avaliação da informação, edição colaborativa, estabelecimento e manutenção da comunicação, distribuição e disseminação eficaz de conteúdos, participação em ambientes de discussão e colaboração e desenvolvimento de redes sociais (BORGES, 2017). No entanto, tendo em mente que essas competências são dinâmicas, ou seja, alteram-se em função do contexto informacional de cada período e circunstância, precisam ser continuamente revisitadas no sentido de avançar na compreensão de demandas emergentes.

A *metaliteracy* traz uma abordagem que se mostrou interessante para repensar as InfoCom porque tem as competências em informação como basilares na sua estrutura conceitual, mas reconhece a emergência de outras competências-chave demandadas por contextos impactados pelas tecnologias sociais, a exemplo da aplicação de mídias para expressar-se e o uso seguro de conteúdo não controlado e em fluxo.

A habilidade de acessar criticamente diferentes competências e reconhecer a necessidade de integrá-las no ambiente informacional atual é uma *metaliteracy*. Essa abordagem metacognitiva desafia a confiança na competência em informação baseada no ensino de habilidades e muda o foco para a aquisição do conhecimento em colaboração com outros. O indivíduo *metaliterato* tem a capacidade de adaptar-se a tecnologias mutantes e ambientes de aprendizagem, enquanto combina e compreende as relações entre competências relacionadas. Isto requer um alto nível de pensamento crítico e análise sobre como nós desenvolvemos nosso próprio conceito de competência em informação como aprendizes metacognitivos em ambientes abertos e mídias sociais⁵ (MACKKEY; JACOBSON, 2014, p. 2, tradução nossa)

Assim, analogicamente, podemos dizer que enquanto as competências em informação destacam a capacidade de lidar com a informação e as competências em comunicação destacam a capacidade relacionar-se com pessoas, a *metaliteracy* enfatiza a capacidade de lidar com as próprias competências. Essa perspectiva chama a atenção para a necessidade de repensar o comportamento infocomunicacional, no sentido de reconhecer as competências que se domina e aquelas que, eventualmente sendo mais frágeis, pode-se desenvolver ou, em vez disso, conectar com outras pessoas que as tenham.

Isso vai ao encontro da perspectiva do conectivismo de Siemens (2010), para quem o conhecimento é construído a partir das relações e conexões entre as pessoas. Siemens (2010) acredita que a perspectiva de conhecimento e aprendizagem ligada somente ao conteúdo (livros, artigos, arquivos de som e vídeos) precisa ser ampliada para incluir as possibilidades de aprendizagem pelas relações com pessoas e suas competências.

⁵ Tradução livre de: The ability to critically self-access different competencies and to recognize one’s need for integrated literacies in today’s information environment is a *metaliteracy*. This metacognitive approach challenges a reliance on skills-based information literacy instruction and shifts the focus to knowledge acquisition in collaboration with others. The *metaliterate* individual has the capability to adapt to changing technologies and learning environments, while combining and understand relationships among related literacies. This requires a high level of critical thinking and analysis about how we develop our self-conception of information literacy as metacognitive learners in open and social media environments.

⁴ Tradução livre de: La información se vuelve rápidamente obsoleta y para encontrar una información actualizada hay que moverse muy bien por las redes y por las redes de colegas, de profesionales.”

Examinemos a competência em avaliar a informação sob a perspectiva da *metaliteracy*. A avaliação, especialmente da informação em fluxo, é notadamente uma das competências mais exigentes porque demanda a aplicação de uma série de análises cognitivas para chegar a um veredito: (a) a verificação da fonte: quem está dizendo, mostrando ou transmitindo?; (b) que mensagem, significado ou sentido; (c) com que propósito e intenção, declarada ou implícita? e (d) para qual face de sua identidade?: de cidadão, como profissional, como aluno, como pai etc.

Além dessas análises cognitivas, a *metaliteracy* avança na perspectiva de considerar aspectos afetivos, comportamentais e metacognitivos (MACKEY; JACOBSON, 2014). Quanto aos aspectos afetivos, tende-se a confiar em uma informação se ela vai ao encontro das próprias crenças. Uma avaliação crítica, no entanto, exige reconhecer as próprias ideologias e confrontá-las com os fatos. O aspecto comportamental chama a atenção para o fato de que o comportamento em rede gera códigos que atraem ou afastam informações, criando “bolhas de informação” em torno de cada perfil de usuário. Logo, a importância de estar ciente do próprio comportamento e as consequências em termos do que se acessa.

Além disso, pesquisa desenvolvida por Knobel e Lankshear (2015) comprovou que ter acesso à informação não significa automaticamente interpretações matizadas e garantia de apropriação da informação. Assim, a suposta facilidade de acesso à informação propiciada pela internet não necessariamente reflete-se na sua apropriação, dadas as dificuldades de seleção, compreensão e integração ao conhecimento existente. Nesse ponto, emerge o aspecto metacognitivo no sentido de perceber limitações e buscar apoio, por exemplo na avaliação gerada por outros usuários.

Outro aspecto é que atualmente os usuários de internet costumam apresentar um perfil de prosumidores: pessoas que além de consumir, também produzem conteúdo. Consequentemente, outro elemento significativo é a avaliação da

comunicação, ou seja, o discernimento crítico daquilo que se diz ou se aporta nesses ambientes de diálogo e interação humana mediados pela tecnologia, onde ganhar a confiança é determinante na validação da produção. Para Pérez Pérez (2005, p. 174, tradução nossa), é necessária:

[...] uma meta-alfabetização que permita uma análise crítica das narrativas em um esforço para transcender os discursos prontos, analisando as intenções e inclinações que estão contidos nas narrativas. E, da mesma forma, ser capaz de construir discursos próprios que possam ser comunicados com o uso de tecnologias, procurando controlar o escopo e seus efeitos dentro das intenções que nos tenham motivado⁶.

Isso demanda refletir sobre a avaliação da comunicação, ou seja, refletir sobre a responsabilidade sobre a informação que é produzida e compartilhada, porque pode haver pessoas que as consideram como verídicas e válidas porque confiam em mim (BORGES, 2017). Isso vai ao encontro da *metaliteracy* porque a abordagem enfatiza a importância de pensar sobre suas próprias ações e se colocar como protagonista perante o ambiente informacional, com uma perspectiva crítica e reflexiva: “Esta abordagem expande as competências para se adaptarem às mudanças em curso nas tecnologias emergentes e para o avanço do pensamento crítico e capacitação para a produção, conexão e distribuição de informação como aprendizes independentes e colaborativos.” (JACOBSON; MACKEY, 2013, p. 84, tradução nossa⁷).

⁶ Tradução livre de: [...] una meta-alfabetización permitiéndole un análisis crítico de los discursos narrativos en un afán de transcender los discursos construidos, analizando las intencionalidades y sesgos que se hallan contenidos en la narrativa de los mismos. Y, del mismo modo, ser capaz de diseñar discursos propios que puedan ser comunicados en el uso de las tecnologías tratando de controlar el alcance y efectos del mismo dentro de las intencionalidades que los han motivado.

⁷ Tradução livre de: “This approach leads to expanded competencies for adapting to the ongoing changes in emerging technologies and for advancing critical thinking and empowerment for producing, connecting, and distributing information as independent and collaborative learners.”

Outra característica emergente da produção de conteúdo é a colaboração, que pode ser anônima, no sentido de que as pessoas não necessariamente são criadoras de novos conteúdos, mas estão atuando como intermediárias na ligação entre informações, como ocorre na criação de hiperlinks entre informações relacionadas, mas dispersas: “Este indivíduo é criador de boa parte das redes não humanas (documentos, equipamentos, programas, aplicativos, entre outros) que também fazem parte da rede [...]” (MARQUES, 2015, p. 203).

Mas também pode ser uma colaboração direcionada, como engajar-se em processos de construção de conhecimento coletivos. Neste caso, a colaboração pode exigir competências mais exigentes, como mobilizar redes sociais para conseguir ajuda, estabelecer parcerias de trabalho, discutir, argumentar ou negociar para chegar à resolução de problemas com os demais e compreender e praticar a forma de argumentação de um coletivo específico etc. Como diz Marques (2015), um domínio de conhecimento tem estruturas específicas de comunicação e publicação, uma cultura informacional, terminologia e estrutura de informação específicas. Observe-se que as competências mencionadas neste parágrafo estão mais alinhadas com a capacidade de comunicação, mas são imprescindíveis na geração de conteúdo, uma competência considerada informacional. Isso exemplifica a inter-relação das competências infocomunicacionais.

A centralidade da comunicação na sociedade atual se manifesta na necessidade da criação de significados compartilhados entre os indivíduos, apesar dos contextos diversos. Para representar o sentido de um conceito que queremos compartilhar, há que pôr em ação distintos modos de comunicação: linguísticos, visuais, gestuais etc. Assim, ao mesmo tempo em que os ambientes de mídias sociais potencializam processos altamente desejáveis, como o trabalho colaborativo, o engajamento em demandas coletivas e a aprendizagem em grupo, também expõem a necessidade de competências para expressar pontos de vista publicamente, resguardar informações pessoais e atribuir a fonte das informações.

Portanto, se trabalhar em colaboração potencializa a produção de conhecimento, também coloca questões éticas que talvez ainda não fossem tão evidentes, como por exemplo, reconhecer os aportes do outro em uma produção a muitas mãos, distinguir e aplicar meios legais de uso da informação (*Creative Commons*, propriedade intelectual etc.), compreender o que pode ser compartilhado e o que fere a privacidade própria e alheia. Muito desse trabalho colaborativo tem sido desenvolvido em comunidades *on-line* e redes sociais.

Estabelecer e manter redes sociais saudáveis estão na base da *metaliteracy*, o que implica a abertura para participar de redes e comunidades eletrônicas para conhecer pessoas e interagir, conhecer e respeitar as regras de relacionamento, escutar, argumentar e defender opiniões de forma respeitosa, além de estar atento a aspectos como visibilidade, reputação e privacidade suas e de outros: “[...] o espaço virtual permite ao usuário construir-se identidades digitais múltiplas e de domínio público, que deve saber gerir e ao mesmo tempo ser consciente do alcance e difusão e impacto das ações em torno das mesmas [...]”⁸ (GONZÁLEZ FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, 2012, p. 26).

Assim, é possível identificar aproximações com as competências infocomunicacionais, já que o desenvolvimento dessas competências favorece o uso da informação a partir da produção colaborativa de conteúdo, que envolve saber trabalhar em colaboração via rede, contribuir com seus próprios conhecimentos, ter autonomia e iniciativa e também respeitar o outro. Condições necessárias para essa produção interativa e o compartilhamento de materiais digitais originais e reaproveitados que são prezados pela *metaliteracy*.

⁷ Tradução livre de: “[...] el espacio virtual permite al usuario construirse identidades digitales múltiples y de dominio público, que debe saber gestionar y al mismo tiempo ser consciente del alcance y difusión e impacto de las actuaciones que lleve a cabo en torno a los mismos [...]”

MÉTODO

Tendo em vista o principal objetivo deste artigo - examinar a contribuição que a abordagem da metaliteracy pode dar ao desenvolvimento do conceito das competências infocomunicacionais - o método envolve a análise da confluência teórica entre os conceitos citados, além de evidências empíricas coletadas a partir do comportamento infocomunicacional de arquivistas.

Assim, utilizou-se a pesquisa bibliográfica como método conceitual que teve por finalidade o aprofundamento teórico e a construção de uma base para a análise empírica dos resultados. No que diz respeito à pesquisa empírica, pretendeu-se comparar o comportamento infocomunicacional apresentado pelos arquivistas aos preceitos defendidos pela metaliteracy.

Quanto aos procedimentos adotados, utilizou-se como técnica de coleta de dados o questionário on-line com questões fechadas, previamente testado e divulgado através de grupos e comunidades on-line no Facebook que reunissem arquivistas que atuam em arquivos no âmbito brasileiro. O questionário ficou disponível pelo período de 13 dias em outubro de 2016. A amostra foi constituída de 53 arquivistas que responderam espontaneamente ao chamado de colaboração. Portanto, trata-se de uma amostragem não probabilística por acessibilidade, na qual não se tem a pretensão de atingir uma representação estatística de todos os arquivistas brasileiros, mas obter informações daqueles que se dispõem a participar.

Quanto ao tratamento dos dados, os questionários foram classificados e cada documento recebeu um código alfanumérico de identificação. Os dados foram agrupados em planilhas conforme as categorias de análise e indicadores desenvolvidos originalmente para a dissertação de mestrado de Brandão (2017).

A análise dos dados caracteriza-se tanto como qualitativa quanto quantitativa. Para a análise quantitativa, as respostas foram mensuradas a partir de procedimentos estatísticos simples.

Para a análise qualitativa estabeleceram-se três níveis: descrição, comparação e interpretação. Os resultados foram interpretados sob o prisma da metaliteracy.

RESULTADOS EMPÍRICOS

Nesta seção destaca-se o emprego de três tipos de competências infocomunicacionais pelos arquivistas: a avaliação da informação, o trabalho colaborativo e autoavaliação que fazem de suas competências. Pretende-se com isso relacionar o comportamento desses profissionais aos aportes teóricos da metaliteracy.

Quanto à avaliação da informação, os resultados demonstram que os arquivistas estão preocupados em analisar criticamente o conteúdo das informações que selecionam no processo de busca. Para tanto, costumam aplicar critérios de avaliação de conteúdo (gráfico 1).

O gráfico 1 evidencia que o critério utilizado com mais frequência pela maior parte dos arquivistas (74%) é verificar se a informação selecionada está atualizada. No entanto, os arquivistas mostram-se divididos quanto ao uso de dois critérios: organizar informação dispersas (juntar e inter-relacionar peças de informação dispersas ou desorganizadas) e identificar se há tentativas de manipulação. Percebe-se que esses critérios são os menos indicados, o que mostra que não são considerados como prioridade no que diz respeito à avaliação do conteúdo das informações.

Ao mesmo tempo em que chama a atenção para fontes menos habituais de informação, como as mídias sociais e comunidade on-line, os estudos de metaliteracy destacam o crescente número de notícias falsas e manipuladas que circulam nesses espaços (JACOBSON; GIBSON, 2015). Perante o conteúdo que circula pelas mídias de massa e sociais, Yin e Zhou (2015) sugerem cinco perguntas para auxiliar na avaliação da informação: a) quem produziu essa informação?; b) que técnica foi utilizada para chamar a minha atenção?; c) que possíveis diferenças podem haver entre a minha interpretação e a de outros?; d) há algum valor, estilo de vida ou ponto de vista expresso ou omitido nesta informação?; e) por que essa informação me foi enviada ou está sendo disseminada?

Outros critérios utilizados pelos arquivistas são: identificar se a informação se trata de uma opinião ou um fato; analisar o contexto (cultural, político, social, etc.) em que a informação foi produzida; e revisar o processo de busca, incluindo outras fontes caso necessário. Importante observar que apesar de 49% dos arquivistas afirmarem sempre analisar o contexto da informação, uma parcela significativa (28%) só adota esse critério às vezes, 2% não o usam e 6% raramente o usam.

Muitas vezes, o contexto cultural, político, social e religioso no qual a informação foi produzida é decisivo para compreender-se o conteúdo da informação e avaliar sua pertinência. Segundo Wolton (2006, p. 57), “nada é racional no mercado mundial da informação em que a força das ideologias, dos interesses econômicos, das relações de forças políticas e culturais não tem muita coisa a ver com os bons sentimentos de uma ‘boa informação para todos’”.

Quanto ao trabalho colaborativo, observa-se que há pontos convergentes entre a abordagem dada pela *metaliteracy* e as competências em comunicações, pois ambos os conceitos se desenvolvem a partir da perspectiva de que a compreensão é gerada a partir da interação e colaboração entre as pessoas. A participação em ambientes colaborativos, portanto, seja para a produção de conteúdo, seja para a resolução de questões, está presente no trabalho em equipe, na negociação de interesses e numa boa relação entre os atores. Assim, tais atores precisam saber se comunicar e estabelecer uma relação recíproca de aprendizagem, o que deixa em evidência a demanda por competências em comunicação.

Acredita-se que o nível de engajamento em ambientes colaborativos favorece a produção criativa e colaborativa, assim não é a mera presença em redes e comunidades sociais que possibilitará a construção de conhecimento em colaboração. Essa questão pode ser evidenciada a partir da análise do gráfico 2, no qual os arquivistas foram levados a refletir sobre o seu grau de dificuldade para trabalhar em colaboração com outros.

Vê-se que os arquivistas consideram mais fáceis atividades como manusear as ferramentas de comunicação digitais (47%), compreender e responder mensagens recebidas (45%) e ter autonomia

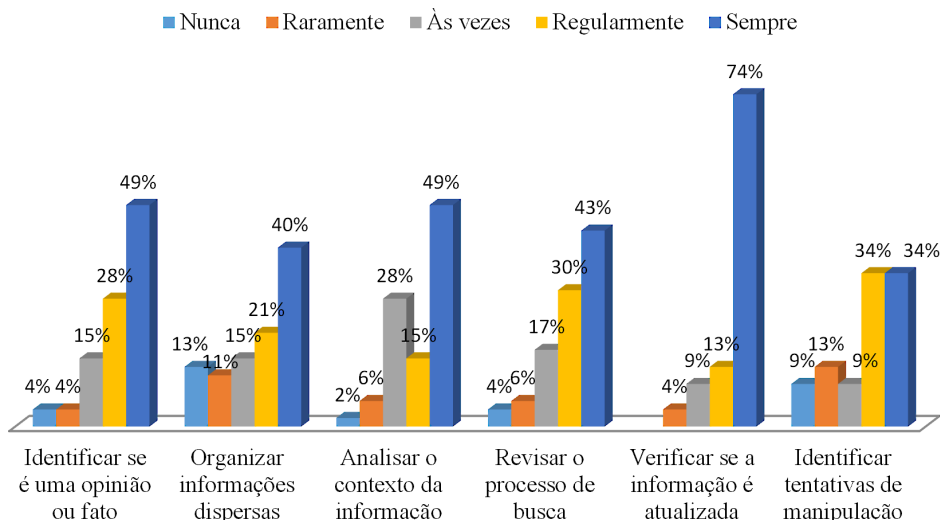
e iniciativa própria (45%), atividades que têm pouco caráter interativo e colaborativo. Percebe-se que essa questão não tem a ver com exclusão digital, visto que não são demonstradas dificuldades para lidar com as ferramentas ou mesmo com a comunicação por via dessas ferramentas; o que consideram mais difícil é desenvolver novos produtos e serviços (28%) e trabalhar em equipe (9%).

Este é um resultado interessante porque demonstra a inter-relação entre inovação e colaboração, ou seja, é possível que a dificuldade de trabalhar em equipe esteja impactando na geração de novos produtos ou serviços, uma vez que mesmo uma ideia individual precisa de colaboração para ser desenvolvida e implementada. Assim, sugere-se que esses arquivistas poderiam explorar mais essa facilidade que dizem ter para dialogar e trocar experiências com outros profissionais no sentido de potencializar o trabalho colaborativo.

Expressar ideias de maneira articulada, argumentar e defender opiniões são não atividades recentes no rol de responsabilidades do arquivista, sendo necessárias para sua atuação enquanto gestor de unidades de informação. No entanto, mudanças contextuais e conceituais no seio da profissão o impulsionam a investir na capacidade de expressão e negociação, seja perante um usuário mais exigente em suas demandas, seja na representação do arquivo e defesa de seus interesses e necessidades, seja em projetos colaborativos de variadas naturezas.

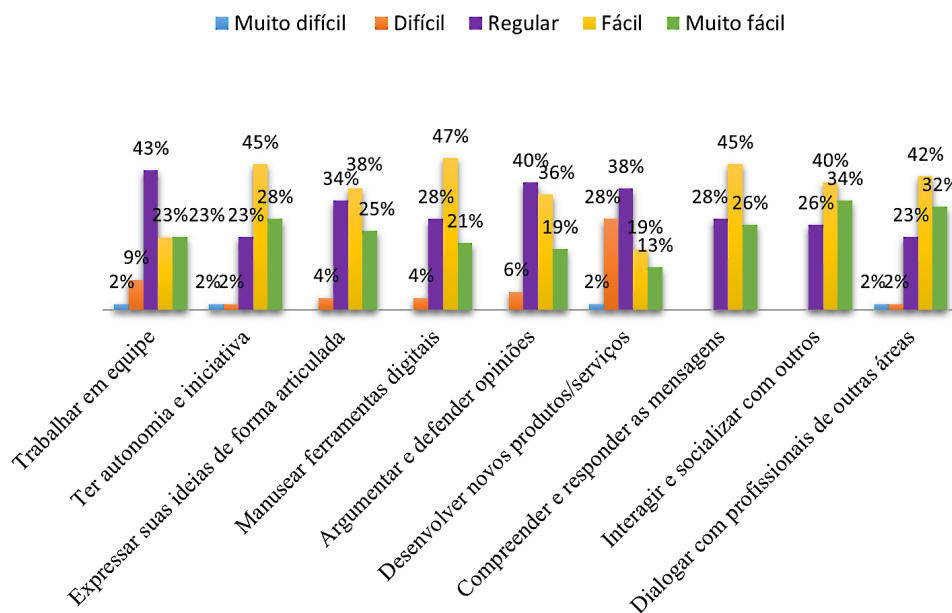
As mudanças contextuais também se relacionam com o aspecto metacognitivo, que sob a perspectiva da *metaliteracy* destaca-se a necessidade de reconhecer características de ambientes em mutação e a eles adaptar-se e adequar-se de acordo com cada situação de informação e comunicação (JACOBSON; MACKAY, 2013). Esse aspecto metacognitivo, que traz embutida a ideia de autoavaliação, contribui para desconstruir o discurso de que essas competências são desenvolvidas apenas durante a formação acadêmica, apontada por 22,6%, ou que o simples contato com a tecnologia garante o desenvolvimento automático de competências (9,4%), ou até mesmo que não precisam ser desenvolvidas ações que estimulem o desenvolvimento, como indica o percentual de 1,9% dos respondentes (tabela 1).

Gráfico 1 – Critérios utilizados para avaliar o conteúdo das informações



Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa, 2016

Gráfico 2 – Grau de dificuldade para trabalhar colaborativamente



Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa, 2016

Tabela 1 – Ações realizadas para o desenvolvimento das competências infocomunicacionais

Descrição	Percentual
Participar de eventos relacionados à sua área de atuação	77,4%
Manter-se informado	58,5%
Participar de formações	52,8%
Trabalhar e aprender em colaboração com outros	50,9%
Refletir sobre suas dificuldades e deficiências	30,2%
Foram desenvolvidas durante a formação acadêmica	22,6%
Desenvolver automaticamente ao utilizar as tecnologias	9,4%
Não desenvolve nenhuma ação	1,9%
Outros	1,9%

Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa, 2016

De acordo com a tabela 1, a maior parte dos arquivistas se coloca como protagonista do seu próprio aprendizado e procura desenvolver suas competências infocomunicacionais através de ações que envolvem a aprendizagem tradicional (cursos, eventos, etc.) e também a aprendizagem colaborativa, bem como preocupam-se em se manter informado e se atualizar sobre novos recursos, ferramentas e/ou tecnologias que facilitem o acesso e uso da informação.

Contudo, percebe-se que a capacidade metacognitiva precisa ser mais bem explorada por esses profissionais. Principalmente no sentido de refletirem mais sobre suas dificuldades e/ou deficiências no processo de aprendizagem, para que possam identificar lacunas de competências para o trato com a informação ou mesmo para se comunicar e assim buscar desenvolvê-las ou aperfeiçoá-las.

A partir da análise dos resultados, é possível concluir ainda que a atuação de mediação da informação do arquivista e a sua autopercepção enquanto mediador vão interferir diretamente na formação de usuários, pois a capacidade de pensamento crítico sobre o próprio comportamento contribui para a promoção do desenvolvimento das competências

infocomunicacionais. Isso porque essas competências estão intimamente ligadas ao fator metacognitivo que envolve a avaliação que o arquivista faz de suas próprias competências, possibilitando que esse sujeito amplie sua percepção como profissional corresponsável pela conformação e articulação do ambiente informacional.

CONCLUSÃO

Com base na análise dos dados, pode-se concluir que a abordagem da *metaliteracy* levanta aspectos importantes a serem repensados quanto às competências infocomunicacionais. Um dos mais evidentes é a avaliação da informação considerando aspectos cognitivos, mas também afetivos, comportamentais e metacognitivos: a ideia de reflexão e autoavaliação diante dos próprios conhecimentos, comportamentos e crenças pode contribuir para avançar no conceito das competências infocomunicacionais.

A análise do comportamento infocomunicacional dos arquivistas diante do trabalho colaborativo via mídias sociais também contribuiu para melhor compreensão das competências que esse profissional vem desenvolvendo e daquelas nas quais se precisa avançar, como ficou demonstrado com a criação de novos produtos e serviços e o trabalho em equipe.

O aspecto metacognitivo trazido pela abordagem da *metaliteracy* representa um aporte importante, porque a capacidade de pensamento crítico sobre o próprio comportamento perante a informação e a comunicação resulta no crescimento da consciência sobre si e sua relação com os objetos de informação e outras pessoas, levando o indivíduo a não só aperfeiçoar os processos com informação, mas refletir sobre ele e, assim, aprimorar as competências infocomunicacionais.

Desse modo, a abordagem *metaliteracy* pode ainda fornecer subsídios para ampliar a compreensão acerca de como as pessoas aprendem e desenvolvem competências em informação e em comunicação em ambientes que estão em constantes mudanças e cujo acesso, por si só, não garante a apropriação da informação e a geração de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BORGES, J. A contribuição das competências infocomunicacionais ao conceito de Media and Information Literacy. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 13, n. especial, p. 26-47, 2017.

BORGES, J.; OLIVEIRA, L. Competências infocomunicacionais em ambientes digitais. *Observatorio (OBS*)*, v. 5, n. 4 2011.

BRANDÃO, G. S. *Competência infocomunicacional e o arquivista contemporâneo: mediação para apropriação da informação*. 104 f. il. 2017. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciência da Informação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

CUEVAS CERVERÓ, A.; MARZAL GARCÍA-QUISMONDO, M.Á. La competencia lectora como modelo de alfabetización en información. *Anales de Documentación*, v. 10, p. 49-70, 2007.

GONZÁLEZ FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, N. Alfabetización para una cultura social, digital, mediática y en red. *Revista Española de Documentación Científica*, v. 35, n. Monográfico, p. 17-45, 2012.

HEAD, A.J. *Project Information Literacy's Research Summary: Lifelong Learning Study, Phase Two and the Online Survey. Phase Two and the Online Survey* (February 17, 2015), Washington 2015.

JACOBSON, T.E.; GIBSON, C. First thoughts in implementing the framework for information literacy. *Communications in Information Literacy*, v. 9, n. 2 2015.

JACOBSON, T.E.; MACKEY, T.P. Proposing a metaliteracy model to redefine information literacy. *Communications in Information Literacy*, v. 7, n. 2, p. 84-91, 2013.

KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. Researching and understanding new literacies from a social languages perspective. In: Futuuri! Language Summer School and the Language Centre Conference. *Anais...* Jyväskylä, Finland, 2015.

MACKEY, T.P.; JACOBSON, T.E. Reframing Information Literacy as a Metaliteracy. *College & Research Libraries*, v. 72, n. 1, p. 62-78, 2011.

MACKEY, T.P.; T.E. JACOBSON. *Metaliteracy: reinventing information literacy to empower learners*. London: Facet, 2014.

MARQUES, M. Ação comunicativa e de informação: modelo transdisciplinar para o aprender a aprender. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, v. 8, n. 2, p. 194-211, 2015.

PÉREZ PÉREZ, R. Alfabetización en la comunicación mediática: la narrativa digital. *Comunicar: Revista científica iberoamericana de comunicación y educación*, n. 25, p. 167-175, 2005.

SIEMENS, G. *Conociendo el conocimiento: Nodos Ele*, 2010.

WOLTON, D. *É preciso salvar a comunicação*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006.

YIN, G.; ZHOY, A. New media literacy education for children in the context of participatory culture: deficiency and construction. *Cross-Cultural Communication*, v. 11, n. 2, p. 26-30, 2015.